CAPÍTULO 27

A GUERRA DAS MALVINAS

"Às seis horas da manhã, a situação no Monte Longdon era por demais crítica. O inimigo dominava as alturas a oeste e atacava pelo norte e sul. Um foguete Milan passou perto de um muro de pedras de meu Posto de Comando, explodindo um metro mais atrás. O comandante do Grupamento Exército Puerto Argentino, me ordenou reunir os efetivos que me sobraram e iniciar um assalto à linha de altura, 4 km a este de minha posição (...). Dos 278 homens que eu tinha inicialmente, nós só pudemos reunir 70. Caíram na posição 200 homens, entre mortos e feridos (...)." [42]

Major Carlos E. C. Salvadores, do Exército Argentino

O arquipélago das Malvinas ou Falklands situa-se no Atlântico Sul, a cerca de 480 km da costa argentina. Descoberto, em 1502, por Américo Vespúcio, foi disputado, até o século XVIII, por ingleses, franceses e espanhóis. Em 1816, os argentinos, que estavam consolidando a independência de seu país, declararam sua soberania sobre as ilhas. Mais tarde, em 1833, os britânicos, tendo em vista estabelecer, no Atlântico Sul, uma base estratégica para a marinha, invadiram as Malvinas, incorporando-as a seus domínios coloniais. Os argentinos não aceitaram tal fato e passaram a reivindicar, junto aos britânicos, a devolução das ilhas.

As duas principais ilhas do arquipélago são Soledad (Malvinas do Leste) e Gran Malvinas (Malvinas do oeste). As Malvinas têm como capital Port Stanley e são pouco desenvolvidas economicamente. A ilha de Soledad, única habitada, foi povoada, a partir do século XIX, por britânicos, que ficaram conhecidos como ''kelpers'' (os nativos da Patagônia denominavam kelp a uma alga comestível abundante nas Malvinas - os marinheiros britânicos adotaram o termo utilizando-o para fazer referência aos habitantes malvinenses). Os ''kelpers'' vivem predominantemente da criação de ovinos, atividade que melhor se adaptou às condições fisiográficas locais.

A partir de 1965, por intermédio da ONU, argentinos e britânicos discutiram sobre a posse das Malvinas; não obstante, as negociações mostraram-se infrutíferas. Isso se deveu ao fato da soberania sobre estes territórios representar, para argentinos e britânicos, uma questão de orgulho e de credibilidade nacional, pois o arquipélago ocupa uma posição estratégica, próxima da Antártica e do cabo Horn.

Em 1976, após um golpe de estado, uma junta militar passou a governar a Argentina. Os dirigentes militares argentinos implantaram um modelo econômico que não foi

[42] apud BALZA, 1992, p. 83 e 84.

bem sucedido, fato que redundou em crises políticas e tensões sociais. Em 1982, o presidente, general Leopoldo Fortunato Galtieri, resolveu desviar a insatisfação da população argentina para com o regime militar fazendo voltar à tona a questão das Malvinas. Ele acreditava que a luta pela reconquista das Malvinas despertaria o espírito patriótico, uniria o povo e fortaleceria o regime vigente.

Os militares avaliaram que poderiam ser bem sucedidos em uma campanha para conquistar as Malvinas, já que a defesa das ilhas estava a cargo de uma pequena guarnição britânica. Paralelamente, os dirigentes argentinos esperavam ocupar as ilhas Geórgia do Sul e Sandwich do Sul, próximas das Malvinas, também reivindicadas por seu país. Eles consideraram também que os britânicos não dariam uma resposta militar, pois não teriam capacidade para travar uma guerra a milhares de quilômetros de suas principais bases e nem disposição para lutar por algumas ilhas remotas. Acreditavam, também, que a Grã-Bretanha teria a mesma postura de Portugal, que não reagiu quando Goa, uma de suas colônias, foi ocupada, em 1961, pelos indianos.

Desse modo, no dia 02 de abril de 1982, 150 fuzileiros navais do grupo tático Buzo (tropa de elite argentina) foram transportados para as Malvinas, onde, em Port Stanley, atacaram os 88 fuzileiros navais que compunham a guarnição britânica. Os soldados britânicos resistiram, causando algumas baixas aos argentinos. Devido à desproporcionalidade de forças, já que mais 2.800 soldados argentinos seguiram em apoio ao grupo Buzo, o governador britânico, Rex Hunter, ordenou à sua pequena força que depusesse as armas. No mesmo dia, 100 fuzileiros navais argentinos seguiram para as ilhas Geórgia do Sul, as quais ocuparam, após alguns combates com os 23 fuzileiros navais britânicos que lá se encontravam. Contingentes argentinos também se estabeleceram nas ilhas Sandwich do Sul. O sucesso da operação, propagandeado amplamente pelo governo, foi recebido entusiasticamente por grande parte da população argentina.

Na Grã-Bretanha, porém, a população reagiu à invasão com indignação, passando a exigir da Primeira-Ministra Margareth Thatcher retaliações aos argentinos. A Comunidade Econômica Europeia (atual União Europeia), a OTAN, a Comunidade Britânica das Nações (Commonwealth) e os EUA mostraram-se solidários aos britânicos. Thatcher ordenou, então, a preparação de uma força-tarefa para a retomada das ilhas.

Tentativas de intermediações da ONU fracassaram e a força-tarefa britânica foi deslocada para o Atlântico Sul. Surpreendidos pela pronta reação britânica, os argentinos iniciaram a preparação militar para a defesa das Malvinas.

As forças que iriam se defrontar eram bastantes diferentes. As Forças Armadas Argentinas tinham como base a conscrição; estavam preparadas essencialmente para ações de caráter interno e não tinham experiência em confrontos internacionais. Embora os argentinos tenham empregado fuzileiros navais, tropa de elite, para a conquista das ilhas, a ocupação destas foi deixada a cargo de soldados pouco qualificados, já que as tropas mais adestradas foram deixadas na Argentina para um possível embate contra os chilenos, com quem os argentinos haviam tido recentes atritos diplomáticos pela

posse do canal de Beagle. Sendo assim, cerca de 80% do efetivo argentino empregado nas Malvinas era composto por recrutas, com no máximo um ano de treinamento.

De maneira geral, os soldados argentinos partiram para as Malvinas impregnados pelo sentimento de que iriam defender um território legítimo de seu país. Eram comandados por oficiais qualificados, mas que, muitas vezes, haviam sido desviados de suas funções bélicas para atividades de caráter político, o que não contribuiu para seu aprimoramento profissional.

O Exército Argentino equipava-se com fuzis 7,62mm (FAL); metralhadoras MAG 7,62mm e 12,7mm; morteiros de 60, 81 e 120mm; canhões sem recuo 106mm; obuseiros 105mm; lança-foguetes 88mm e minas. Possuía blindados do tipo Panhard AML 90 e Kurdssier. A defesa antiaérea compunha-se de canhões Bofors 40 mm; metralhadoras Oerlikon de 20, 30 e 35mm e mísseis Blowpipe, Roland e Skyguard. A Marinha Argentina tinha à sua disposição mísseis Exocet, capazes de causar grandes danos às embarcações inimigas.

As forças empregadas pela Grã-Bretanha fundamentavam-se no alistamento voluntário, estavam em condições de atuar fora do território nacional e tinham experiência em conflitos externos. Foram destacadas para as Malvinas tropas de elite: SAS (Special Air Service), SBS (Special Boat Squadron), gurcas (infantes nepaleses que tradicionalmente integram tropas britânicas), paraquedistas e guardas galeses e escoceses. Os soldados eram profissionais e passavam por rigorosa seleção e duro treinamento. Chegaram às Malvinas dispostos a resgatar a honra da Grã-Bretanha, que consideravam ultrajada pela invasão argentina.

As forças britânicas estavam equipadas com fuzis, metralhadoras, morteiros, canhões e obuseiros semelhantes aos dos argentinos. Possuíam carros-de-combate (Scimitar e Scorpion) e mísseis anticarro (Milan) e antiaéreos (Rapier e Blowpipe). Todavia, os britânicos dispunham de equipamentos de comunicações, de guerra eletrônica e para combates noturnos em maior quantidade e superiores tecnologicamente aos dos argentinos, o que lhes possibilitaria, durante os combates, coordenar suas operações, obter dados e interferir nas ações adversárias com maior eficiência do que os oponentes. Além disso, poderiam fazer uso de "satélites espiões" para buscar informações sobre o inimigo.

Os comandantes britânicos deram ênfase na preparação logística, pois estavam cientes das dificuldades que teriam para combater a milhares de quilômetros de suas principais bases. Os argentinos, pelo contrário, somente preocuparam-se seriamente com a logística quando perceberam que a Grã-Bretanha iria reagir à invasão das Malvinas, o que deu margens a improvisações malsucedidas.

Em face da ameaça representada pela chegada da força-tarefa britânica, os argentinos prepararam-se para defender as ilhas. Em Soledad foram posicionados 8.116 homens (7.135 em Port Stanley e 981 em Darwin-Goose Green), na Gran Malvina 1.885 (955 em Howard e 930 na Baía Fox), e nas ilhas Geórgia do Sul 150.

As operações militares de confronto realmente começaram em 25 de abril, quando os britânicos retomaram as ilhas Geórgia do Sul, o que lhes proporcionou um importante ponto de apoio terrestre (local a salvo da aviação argentina e das tempestades do Atlântico Sul, e adequado para reparo de aviões e concentração de transportes de tropas). Em 30 de abril, a Marinha Britânica declarou uma "Zona de Exclusão Total" (ZET) de 200 milhas náuticas ao redor das Malvinas, dentro da qual qualquer navio ou aeronave inimiga seria atacada sem prévio aviso.

Em 2 de maio, fora da ZET, um submarino britânico afundou o cruzador General Belgrano (323 marinheiros argentinos perderam a vida). Tal fato teve grande impacto sobre os comandantes navais argentinos, que ordenaram o retorno dos demais navios da Marinha às suas bases (de onde não saíram até o final da guerra). Isso significou o isolamento naval das tropas terrestres argentinas estacionadas nas Malvinas, que doravante só poderiam ser reabastecidas por via aérea.

Os argentinos responderam ao afundamento do Belgrano por meio de sua força aérea. Em 4 de maio, dois aviões Super Étendards, operando a partir de suas bases na Argentina, lançaram mísseis Exocet que puseram a pique o destroier HMS Sheffield, o navio mais moderno da Marinha Britânica (morreram 22 tripulantes). Sucederam-se vários pequenos embates em que ambas as partes sofreram diminutas perdas.

Em 18 de maio, o governo britânico autorizou o almirante John Woodward, comandante da força-tarefa, a dar início às operações terrestres para a conquista das ilhas (desde 1º de maio, elementos das tropas de elite britânicas SAS e SBS operavam nas Malvinas, realizando coleta de informações e sabotagens).

MÍSSIL EXOCET

EXOCET LANÇADO POR AERONAVE

O Exocet é um míssil antinavio de origem francesa. Possui diferentes versões, que podem ser lançadas por meio de helicópteros, aviões, navios e submarinos.

O Exocet tipo AM 39 foi empregado pelos argentinos na Guerra das Malvinas. Lançados de aeronaves Dassault Super Etendard, os AM39 causaram o afundamento do destroier Type 42 HMS Sheffield (D80) e do navio Atlantic Conveyor. Um deles, disparado a partir da terra por um lançador improvisado, causou danos ao HMS Glamorganque.

O Exocet tipo AM 39 tem alcance de 70 km, velocidade de 1.100 km/h, ogiva autoexplosiva de 165 kg e peso total de 655 kg. Seu sistema direcional é autônomo e pré-programado, ou seja, a posição do alvo e a trajetória a ser seguida pelo míssil são programados antes do seu lançamento. Após o disparo, segue na direção programada, utilizando um sistema de navegação por inércia. Esse sistema é substituído a 12 ou 15 km do alvo por um outro de navegação eletromagnética, que dirige o míssil até o local de detonação.

Nesse momento, a situação das forças britânicas era boa, pois controlavam as águas ao redor das Malvinas e tinha soldados prontos para a ofensiva. Os argentinos que defendiam as ilhas, em contrapartida, encontravam-se numa situação difícil, já que suas posições eram alvo de constantes bombardeios, lançados pelos canhões dos navios e pelos aviões dos navios aeródromos britânicos. Além disso, as forças argentinas no arquipélago encontravam-se desabastecidas, devido ao bloqueio naval e interferências aéreas realizadas pelo adversário. Para complicar, os aviões da Força Aérea, que partiam da Argentina, tinham pouco tempo para executar ações em apoio às tropas nas Malvinas, pois a distância de ida e volta era longa demais.

Estando prontos, os britânicos escolheram a baía de São Carlos, situada 105 km a oeste de Port Stanley, para desembarcar tropas nas Malvinas. O local escolhido oferecia praias adequadas para o desembarque e bons ancoradouros. Lá desembarcaram em 20 de maio, sem encontrar grande resistência argentina. A operação só não obteve êxito total porque aviões argentinos afundaram os navios Atlantic Conveyor e Sir Lancelot, nos quais se encontravam helicópteros e equipamentos importantes para as futuras ações britânicas.

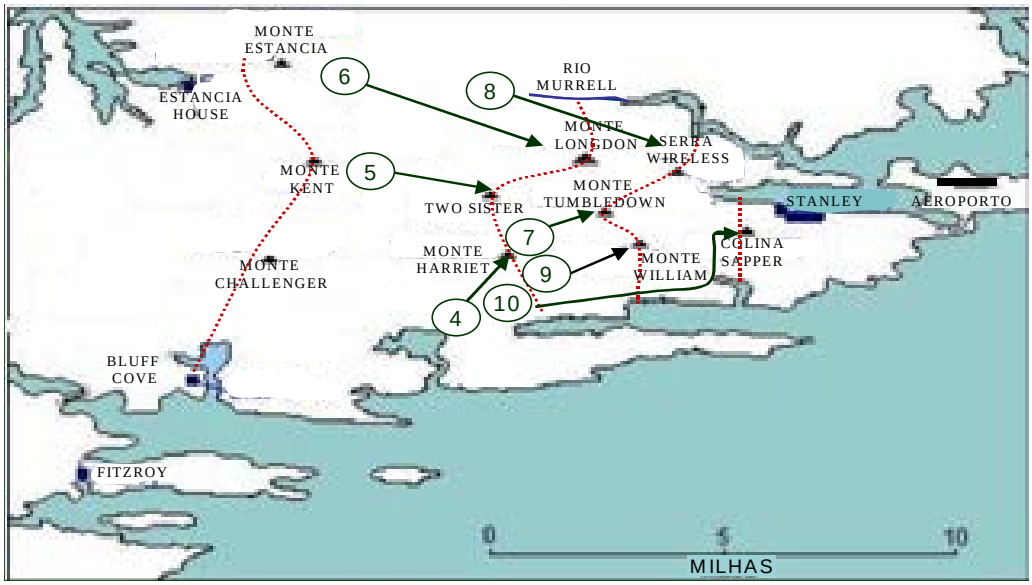
Estabelecida a cabeça de praia na baía de São Carlos, os britânicos iniciaram uma marcha em direção a Port Stanley, feita por dois eixos. Pelo eixo norte, progrediram a Brigada Comando 3 (formada pelo 40º, 42º e 45º Batalhões de fuzileiros navais) e o 3º Batalhão Paraquedista, que tinham como objetivos a conquista das localidades de Douglas, Teal Inlet e o monte Kent. Pelo eixo sul, seguiram a 5ª Brigada de Infantaria (constituída pelo 1º Batalhão Galês, 2º Batalhão Escocês e 1º Batalhão do 7º Regimento Gurca) e o 2º Batalhão Paraquedista, tendo em vista a ocupação de Port Darwin, Goose Green, Fitzroy e monte Challenger.

Para deter o avanço britânico, os argentinos estabeleceram, nas proximidades de Port Stanley, quatro linhas de defesa: a 1ª ligava o monte Estancia a Bluff Cove, passando pelos montes Kent e Challenger; a 2ª estendia-se do rio Murrell a Port Harriet, passando pelo montes Longdon e Two Sisters, a 3ª iniciava-se na serra Wireless e seguia até o monte William, passando pelo monte Tumbledown e a 4,ª nas proximidades de Port Stanley, tinha como ponto forte a colina Sapper.

Os britânicos, durante sua marcha para o leste de Soledad, atingiram todos os seus objetivos. Nessas investidas, venceram os argentinos em vários combates, sendo os mais sangrentos os ocorridos em Port Darwin e Goose Green. Ao se aproximarem de Port Stanley, as forças britânicas encontraram abandonada a 1ª linha de defesa argentina.

Entre os dias 11 e 14 de junho, os britânicos empenharam-se em conquistar os pontos fortes das linhas defensivas argentinas restantes. O 42º Batalhão capturou o monte Harriet, o 45º Batalhão se apoderou de Two Sisters, o 3º Batalhão Paraquedista conquistou o monte Longdon, o 2º Batalhão Escocês dominou o monte Tumbledown, o 1º Batalhão Gurca se apoderou do monte William, o 2º Batalhão Paraquedista se estabeleceu na serra Wireless e o 1º Batalhão Galês tomou a colina Sapper.

O AVANÇO BRITÂNICO RUMO A PORT STANLEY



LINHAS DEFENSIVAS ARGENTINAS

1 → DESEMBARQUE EM SAN CARLOS

2 → PROGRESSÃO BDA CMDO 3 E 3º BTL PQDT

3 → PROGRESSÃO 5ª BDA INF E 2º BTL PQDT

4 → ATAQUE DO 42º BATALHÃO

5 → ATAQUE DO 45º BATALHÃO

6 → ATAQUE DO 3º BTL PQDT

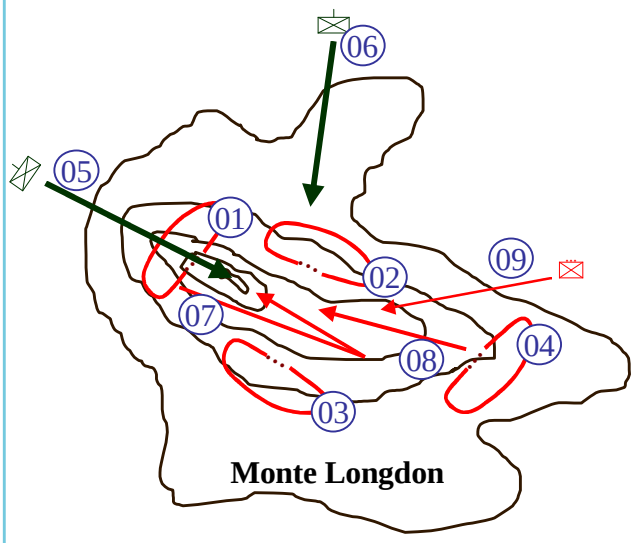
7 → ATAQUE DO 2º BTL ESCOCÊS

8 → ATAQUE DO 2º BTL PQDT

9 → ATAQUE DO 1º BTL GURCA

10 → ATAQUE DO 1º BTL GALÊS

A BATALHA DO MONTE LONGDON



LEGENDA

POSIÇÃO DEFENSIVA ARGENTINA

DESLOCAMENTOS ARGENTINOS

PELOTÃO ARGENTINO

DESLOCAMENTOS BRITÂNICOS

COMPANHIAS BRITÂNICAS

Na noite de 11 para 12 de junho de 1982, no monte Longdon, nas proximidades de Port Stanley, ocorreu um dos combates mais sangrentos da Guerra das Malvinas. O monte era um ponto forte de uma linha defensiva argentina que se estendia do rio Murrell a Port Harriet. Para defender Longdon, os argentinos destacaram 3 pelotões da 2ª Companhia do Regimento de Infantaria 7 e um pelotão da Companhia de Engenharia 10. O comandante das tropas argentinas no monte Longdon, major Carlos Eduardo Carrizo Salvadores, constituiu no local, um sistema defensivo em 360º; para isso, posicionou o 1º Pelotão da 2ª Companhia no oeste (1), o 2º Pelotão no norte (2), o 3º Pelotão no sul (3) e o 1º Pelotão de engenheiros no leste (4) da elevação que defendia. Os britânicos designaram o tenente-coronel Hew Pike, comandante do 3º Batalhão Paraquedista, para conquistar o monte Longdon. O 3º Batalhão Paraquedista tinha 3 companhias principais "A", "B", "C". Os argentinos contavam com 278 combatentes e os britânicos somavam 450 soldados. Às 22h00min, a Companhia "B" Paraquedista (5) atacou o 1º Pelotão da 2ª Companhia argentina, enquanto a Companhia "A" Paraquedista (6) assaltava o setor do 2º Pelotão (a Companhia "C" Paraquedista ficou em reserva). A Companhia "B" Paraquedista obteve êxito: expulsou o 1º Pelotão da 2ª Companhia argentina e se apossou da crista do monte. O 1º Pelotão da 2ª Companhia argentina tentou retomar a crista, mas foi detido pelos britânicos (7). Por volta das 23h00min, os britânicos passaram a pressionar também o 3º e o 2º Pelotões argentinos. Uma hora mais tarde, Salvadores ordenou que o 1º Pelotão de engenheiros repelisse os britânicos da crista (8). Houve pesados combates, mas os britânicos mantiveram a sua posição. Salvadores, então, solicitou reforços ao comandante do Regimento de Infantaria 7, que destacou, em apoio aos defensores do monte, o 1º Pelotão da 3ª Companhia. Salvadores ordenou ao comandante desse pelotão que contra-atacasse os britânicos. O contra-ataque foi realizado às 02h00min, sem sucesso (9). Depois disso, os britânicos, reforçados, retomaram a pressão sobre o inimigo. Às 06h30min horas, o comandante geral das forças argentinas, general Menéndez, ordenou que as tropas do monte Longdon recuassem para a serra Wireless, tendo em vista se reorganizarem. Com isso, os britânicos terminaram a ocupação da elevação, saindo-se vencedores do embate. No combate, 23 soldados britânicos morreram e outros 47 foram feridos; as perdas argentinas somaram 31 mortos, 120 feridos e 50 soldados feitos prisioneiros. A vitória no monte Longdon permitiu aos britânicos prosseguirem rumo a Port Stanley.

FORMA USUAL DE COMBATE DOS BELIGERANTES

Os beligerantes da Guerra das Malvinas empregaram sofisticados armamentos em importantes embates aéreos e marítimos. Foram, no entanto, as ações de suas forças terrestres que puseram fim ao conflito.

As forças terrestres argentinas adotaram uma postura defensiva nas Malvinas. Estabeleceram uma série de pontos fortes em locais vantajosos, onde pretendiam deter o avanço dos britânicos. Para manter os pontos fortes, os argentinos construíram fortificações no terreno, protegidas por campos de minas. O solo pedregoso, as temperaturas gélidas e a ausência de materiais para a construção de fortificações (a vegetação original foi substituída por pastagens) prejudicaram a elaboração do sistema defensivo argentino. As unidades das linhas de frente contavam com o apoio de fogo de outras unidades terrestres e, ocasionalmente, de aviões da força aérea. Esses aviões tinham suas ações restringidas pelos britânicos e pela própria distância existente entre suas bases na Argentina e as Malvinas. Os navios da Marinha Argentina não apoiaram as tropas terrestres, porque se recolheram às suas bases logo no início das operações militares, ou mais precisamente, após o afundamento do cruzador general Belgrano por um submarino britânico.

As tropas terrestres britânicas, para alcançarem seu objetivo final, Port Stanley, foram obrigadas a conquistar os pontos fortes argentinos. Para chegar a eles, os britânicos empreenderam penosas marchas, já que muitos de seus helicópteros foram perdidos, quando caças argentinos afundaram navios cargueiros britânicos na baía de São Carlos. Terminada a marcha, iniciavam o assalto às posições argentinas, o que, muitas vezes, resultou em sangrentos combates corpo-a-corpo. Diferentemente dos argentinos, contavam com um eficiente apoio de fogo naval e aéreo, o que lhes foi de suma importância em momentos decisivos.

POSIÇÃO DEFENSIVA ARGENTINA

BRITÂNICOS EM MARCHA

Após passarem pelas linhas defensivas, as forças britânicas ficaram em condições de realizar o assalto final a Port Stanley. Ao mesmo tempo, rumores sobre a eficácia e a letalidade das tropas britânicas circularam entre os soldados argentinos que defendiam a capital, o que abateu o moral deles.

No dia 14 de junho, considerando-se sem condições de resistir ao inimigo, o general Mario Benjamín Menéndez, comandante das forças argentinas nas Malvinas, se rendeu ao general britânico Jeremy J. Moore. Aproximadamente 8 mil argentinos foram feitos prisioneiros. Durante o dia 15, o restante das unidades argentinas presentes no arquipélago entregou as suas armas. No dia 20, cinco navios britânicos chegaram às ilhas Sandwich do Sul, onde a guarnição argentina se rendeu sem luta.

A guerra causou a morte de 225 soldados da Grã-Bretanha e 649 da Argentina. Os britânicos venceram os argentinos porque planejaram melhor as ações de suas forças, possuíam tropas qualitativamente superiores, dispunham de tecnologia superior e estavam logisticamente mais preparados. O regime militar argentino, responsabilizado pelo fracasso, caiu logo após o conflito, e a Primeira-Ministra Thatcher, que ordenou a recuperação das ilhas, se fortaleceu.

A guerra das Malvinas testemunhou a importância dos mísseis, dos satélites espiões, dos óculos de visão noturna e de outros equipamentos e armamentos, de ponta. Menos de uma década depois, durante a Guerra do Golfo, com muito maior intensidade, outras inovações tecnológicas se fariam presentes.